

COLÓQUIO Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

 **FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN**

CONSELHO EDITORIAL

Guilherme d'Oliveira Martins
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Cleonice Berardinelli
(PUC - BRASIL)

Germano Almeida
(CABO VERDE)

Gilda Santos
(UFRJ - BRASIL)

Helder Macedo
(KING'S COLLEGE - LONDRES)

Ida Ferreira Alves
(UFF-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves
(UNIV. PARIS NANTERRE)

Laura Cavalcante Padilha
(UFF-BRASIL)

Leyla Perrone Moisés
(USP-BRASIL)

Luís Bernardo Honwana
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andresen de Sousa Tavares
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria João Reynaud
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Oswaldo Manuel Silvestre
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Rita Marnoto
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Sérgio Nazar David
(UERJ-BRASIL)

DIRETOR

Nuno Júdice

APOIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gastão

APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso - 13 €

Assinatura anual (3 números)

36 € - Portugal

40 € - Especial*

55 € - União Europeia

65 € - Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.

* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe
e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel.: 21 782 35 67

E-mail: coloquioletras@gulbenkian.pt

www.coloquio.gulbenkian.pt

ASSINATURAS

Vendas - Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel: 21 782 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

DESIGN Overshoot Design

CAPA Overshoot Design

(a partir de obras de Manuel Valente Alves)

IMPRESSÃO Greca

ESTATUTO EDITORIAL

Disponível em coloquio.gulbenkian/contactos/

TIRAGEM 700

DEPÓSITO LEGAL 44718/91

ISSN 0010-1451

SUMÁRIO

SARAMAGO

- 11 José Saramago: História, romance, alegoria
Carlos Reis
- 21 A mão do pintor / A mão da morte
Orlando Grossesesse
- 30 Intermedialidade, efeitos especiais ou como se apaixonar
na ficção de Saramago
Sara Grünhagen
- 40 O «expressionismo exaltado e polémico» de José Saramago
Carlos Nogueira
- 50 Releituras de Camões na escrita de Saramago
José Cândido Oliveira Martins

DEPOIMENTOS

- 65 *Jenaro Talens*
- 69 *Lídia Jorge*
- 75 *Ana Margarida de Carvalho*
- 79 *José Luís Peixoto*

ARTIGOS

- 85 Envelhecer: processo poético na última fase da obra de Pedro Tamen
Catherine Dumas
- 96 Ajustamento e resignação em Júlio Dinis e Giovanni Verga
Simão Valente
- 105 O corpo falante de Don Juan
Rosa Maria Sequeira
- 119 Eça de Queirós, escritor e diplomata
Luís Filipe Castro Mendes
- 127 Diplomatas e diplomacia na obra de Eça de Queirós
Francisco Seixas da Costa

FICÇÃO

- 137 *Luciana Hidalgo*

POESIA

- 143 *Nina Rizzi*

DOCUMENTO

- 151 Pedro da Silveira crítico de Carlos de Oliveira em 1945
Vasco Rosa

NOTAS & COMENTÁRIOS

- 165 O canto do rouxinol na escuridão
Ricardo Gil Soeiro
- 172 Vila branca, vida negra: em torno da prosa de Garibaldi de Andrade
António Jacinto Pascoal
- 181 Reeditar e reler
Maria Luísa Malato
- 188 Para chegar a um livro
Rita Basílio
- 193 A poesia de amor de Paula Tavares
Bernardo Nascimento de Amorim
- 199 Que faremos nós com esta 'Dobra'?
Joana Meirim

RECENSÕES CRÍTICAS

LITERATURA PORTUGUESA

EDIÇÃO CRÍTICA

- 207 *La lírica di Camões I*, ed. Maurizio Perugi
LUÍS FARDILHA

POESIA

- 210 *Canoagem*, Joaquim Manuel Magalhães
ADAM MAHLER
- 212 *O Viajante Exposto à Verdade das Coisas*, Rui Magalhães
ANA MARQUES GASTÃO
- 215 *Introdução à Pintura Rupestre*, José Tolentino Mendonça
LEONOR COELHO
- 217 *Movimento*, João Luís Barreto Guimarães
MIGUEL-MANSO
- 220 *Ângulo Morto*, Luís Quintais
ANTÓNIO CARLOS CORTEZ
- 222 *São Miguel da Desorientação e Do Lado de fora*, Miguel Martins
HUGO PINTO SANTOS
- 225 *Salitre*, Duarte Drumond Braga
HUGO PINTO SANTOS
- 228 *Pterodáctilo*, Amândio Reis
JOÃO OLIVEIRA DUARTE

FICÇÃO

- 231 *A Peste no Seu Esplendor*, José Viale Moutinho
JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS
- 234 *Volta ao Mundo em Vinte Dias e Meio*, Julieta Monginho
MIGUEL REAL
- 237 *Clausura*, João Paulo Sousa
ISABEL PIRES DE LIMA
- 240 *Cartografias de Lugares mal Situados*, Ana Margarida de Carvalho
CLAUDIA AMORIM
- 242 *O Elogio da Dureza*, Rui de Azevedo Teixeira
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

CRÓNICA

- 244 *As Crónicas*, António Lobo Antunes
SÉRGIO GUIMARÃES DE SOUSA
- 247 *Autobiografia não Autorizada*, Dulce Maria Cardoso
LEONOR COELHO
- 249 *Janela Indiscreta*, Isabel Cristina Mateus
ISABEL CRISTINA RODRIGUES

VÁRIA

- 251 *Obra (Re)Encontrada*, António Aragão
INÊS CARDOSO
- 254 *Rodeado de Ilha*, João Miguel Fernandes Jorge
MARIA JOÃO REYNAUD
- 257 *Almanaque dos Espelhos*, Manuel João Gomes
MIGUEL MARTINS

EPISTOLOGRAFIA

- 259 *Correspondência*, Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Ricardo Jorge
VANDA ANASTÁCIO

ENSAIO

- 262 *Babel e Sião*, Maria do Céu Fraga
JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
- 264 *Pessoa & Saramago*, Miguel Real
MANUEL FRIAS MARTINS
- 266 *Mas Régio É Grande!*, Isabel Ponce de Leão
MARIA DO CARMO MENDES
- 269 *Jorge de Sena, Contemporâneo Capital*, Eduardo Lourenço
IDA ALVES
- 272 *Uma Cartografia do Olhar*, Dora Nunes Gago
ÁLVARO MANUEL MACHADO

LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

ENSAIO

- 274 *Heranças Pós-Coloniais nas Literaturas de Língua Portuguesa*,
org. Margarida Calafate Ribeiro e Phillip Rothwell
PIERRETTE E GÉRARD CHALENDAR
- 277 *Livros Que Respiram*, André Corrêa de Sá
MARIA DO CARMO MENDES
- 279 *De Errâncias e Viagens Poéticas em Jorge de Sena e Cecília Meireles*,
Susana L. M. Antunes
MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE

LITERATURA ANGOLANA

ANTOLOGIA

- 282 *Entre a Lua, o Caos e o Silêncio: a Flor*, org. Irene Guerra Marques e Carlos Ferreira
FRANCISCO TOPA

LITERATURA BRASILEIRA

FICÇÃO

- 285 *Um Dia Chegarei a Sagres*, Nélida Piñon
INÊS PEDROSA

os testemunhos provenientes da área α , a segunda com os que são tomados da área β ; entre as duas, encontramos uma secção (páginas 305-350) ocupada com «Il pleito 'Camões — Bernardes' nei testi di area β ». É verdade que continuamos a encontrar nestas páginas o texto crítico de sonetos camonianos (o texto do n.º 46, que falta na página 189, e depois a sequência que vai do 112 ao 127) e que o esclarecimento definitivo da célebre questão constitui um significativo trunfo deste trabalho. No entanto, os textos aqui fornecidos são oriundos da mesma área textual dos que integram a secção seguinte («I sonetti autentici nei testimoni di area β ») e talvez pudessem ser nela incluídos. De igual modo, os apêndices aos «Criteri di edizione» que ocupam as páginas 101-121 — muito úteis e convincentes nas propostas que apresentam — poderiam ser deslocados e juntar-se aos que abordam as confusões de autoria que envolvem Camões, o Soropita e Estêvão Roiz de Castro.

Apesar destes problemas menores, devemos sublinhar que esta edição ficará certamente como um marco muito importante na evolução recente dos estudos camonianos, não só pela resolução definitiva do célebre «pleito» que envolveu Diogo Bernardes e Camões, mas sobretudo pelo progresso que representa no complexo estabelecimento do cânone lírico camoniano. Neste tempo, em que a academia portuguesa continua a manter a Filologia num lugar marginal e de quase clandestinidade, a cultura portuguesa, e a história literária em particular, têm o dever de agradecer à escola italiana da crítica textual mais este contributo decisivo que lhe dá.

Luís Fardilha

[O Autor segue a antiga ortografia.]

POESIA

Joaquim Manuel Magalhães CANOAGEM

Letras e Pêlo do d'Água / 2021

Fernando Pessoa, no seu já muito célebre ensaio «António Botto e o Ideal Estético Creador», curiosa defesa esta que promoveu a produção do poeta homossexual esvaziando o erótico da mesma, observa que «A beleza dos seus poemas vive; e a vida reveste formas de beleza nos seus poemas»¹. Este formalismo vital, derivado de uma prática sexual à qual Pessoa, na pudicícia do celibato, aplicava cultismos fuscossos tais como os ideais «apolíneo» e «estético», mas que Botto, por outro lado, em nenhum momento disfarçou, inverte-o Joaquim Manuel Magalhães no seu novo poemário intitulado *Canoagem*. Obcecado com a vida que se manifesta tanto na máxima extensão léxica quanto na mínima morfologia, o poeta efetua ainda outra inversão, sobremaneira radical nos tempos que vivemos: nesta sua coletânea substitui-se o discurso identitário por uma identidade discursivamente construída; por uma arte que nos realiza em vez de nos representar. Poeta *gay* não apenas *avant la lettre*² mas também através da letra («A minha premissa e primazia: / [...] a homossexualidade», «Limões e Linde, Manuel Gusmão», 42), Magalhães convida-nos a presenciarmos a linguagem poética por ele descoberta e dele descobridora, complicando-nos o conceito da sinceridade literária ao longo das catorze composições que integram o seu livro de setenta e duas páginas.

Convoca-se, já no poema «A Braseira Verdete», que abre a coletânea, uma linguagem poética que nos detém através da sua imperiosa provisoriade, do seu insólito automatismo: «Compunha me-lopeias asséticas e loas em bandarilha, /

agitava-nos essa formosura do feitio, não a sintonia ou o arranjo» (11). Do estertor do ser, do bambolear do aleatório, até do cacofônico, diz-nos o poeta, podem surgir assemblagens sonoro-semânticas que, embora carecendo de arranjo, nos governam. É esta formosura do feitio — aquilo que Camilo Pessanha apelidou, em «Caminho», a *harmonia desgrenhada* — que modela a vida afetiva do poeta. Deixando influenciar-se, assim, pela sensação da sílaba — em vez do consenso linguístico («a comunicação pessoal não me como-via», 12), Magalhães planta os pés, especialmente os prosódicos, nos mais vetustos e cultos registos da língua portuguesa, investindo até básicos enunciados poéticos de enorme peso silábico: «o meu gáudio / atrofia [...] o autêntico / ou a liberdade: a pugna invariável» (13); «A vida traz alguma dor. Ludibrio-me» (48). Até nos momentos que se supõe serem mais intimistas, ou de candura erótica, é acima de tudo o lúbrico entrelace de registos que se nota: «Ontem acarinhei-te tanto / queria andar hoje desacompanhado, na amurada / uma vaga de crude, / um malte de ablação anal» (48). Entender-se-á a larga despesa acústica dos versos citados — entender-se-á este veredicto erudito que veio reforçar o título do poema inicial e que incrusta o poemário — como um método, essencialmente *queer*, de flexibilizar a língua, obliterando qualquer binário que oponha o prolixo ao sucinto, o artifício à franqueza?

É de se lembrar que Botto, em *Canções*, solta a voz para vindicar o que bem se pode considerar um não-binarismo precoce: «Definirmos, — / É reduzirmos / A alma / E é fechar o entendimento.»³ E se este espírito de abertura penetrasse até ao imo do fonema? Nem a um mero registo, nem a um só padrão estrófico se dignará a reduzir o autor de *Canoagem*, como sugere em «A Aranha e o Doravante»:

«Uma divergência pode ser um momento propício» (26). A este compromisso para com a multimodalidade poética subjaz uma postura de humildade e bem-humorada exploração: «A dualidade inapta não me prejudica» (65). Longe de prejudicar: Magalhães faculta momentos memoráveis quando apresenta, para além dos longos e alatinados versos que tipificam a coletânea, versos de inesperada concisão ou cunhagem: «Perpétua a pepita da acendalha» (22); «O sabat da sua nuca» (56); «roussinol embeve / na rama no meio / meninil roussi / teu meu o receio» (66). Se Pessoa desafiou as piedades da sua época criando uma vasta rede de *dramatis personae*, Magalhães responde à heteronormatividade, entre outras estruturas sociais e artísticas, com uma heteroglossia que amplia, em vez do eu lírico, a gama da voz: uma linguagem poética que se ergue algures entre o afeto e a afetação. É uma aproximação poética que chama à memória outra eminência *queer* conhecida pelo seu sesquipedal intimismo, John Ashbery.

A flexibilização da voz poética ainda permite que se gerem poemas de base inteiramente antológica. Tal o caso de «A Monção», o que acaba por ser uma espécie de bibliografia versificada, a qual engloba a produção de diversos nomes do mundo anglófono que tanto marcou o nosso poeta, entre eles a cantora norte-americana Eartha Kitt, bem como os poetas Thom Gunn, Ian Hamilton e Michael Hofmann. Não é apenas reminiscência cordial de um poeta experiente. Pode considerar-se esta montagem enciclopédica uma ocorrência da iterabilidade, ou citacionalidade, que fascinou Derrida e Judith Butler, teoria esta que supõe o ato de citação exercer uma função dupla: a de replicar a chamada assinatura semântica do autor, bem como a de deixar propagar simulacros que reformam o

enunciado original. No que à expressão de gênero e sexualidade diz respeito, conforme Butler teoriza, o jogo de repetição e diferença instanciado pela citação é da maior importância: se os eixos de identidade são reforçados diariamente através da repetida *performance* linguística, há a possibilidade de subverter as normas de comportamento que nos são impostas, desviando-nos, mesmo de forma subtil, das expressões formulaicas. Será que esta colagem — na qual se amontoam disparadas vozes, todas flexionadas pela de Magalhães — constitui ainda outra tentativa do autor para minar qualquer conceito de identidade que impusesse novos limites à expressão, que obrigasse um poeta a comportar exclusivamente na própria voz, numa insípida reiteração de si mesmo? A álaçre instabilidade da citação, e do estilo poético, atesta uma linguagem que participa na evolução da identidade ao invés de na sua fixação.

Será impropícia esta configuração da identidade — esta lírica que se nos apresenta como um alvo em movimento — à ocasião crítica, que por norma tenciona categorizar uma obra e consolidar a recepção da mesma? Talvez. Mas é precisamente o impulso de medir modos, de os alocar mesquinamente aos poetas, atribuindo-lhes uma só voz, uma só estrofe, um só método de exibir posse de determinado xiboleté identitário, que a *Canoagem* veio problematizar. Perante o abismo que surge das abruptas mudanças de modalidade e registo, dos encavalgamentos inesperados, e até da ortografia, Magalhães pronuncia estas palavras: «A linguagem não gere essa falésia» (35). Nós também não.

Adam Mahler

NOTAS

- ¹ In António Botto, *Cartas Que Me Foram Devolvidas*, Lisboa, Edições Paulo Guedes, 1932, s.p.

² f. este rótulo que o próprio poeta se aplica a si mesmo, em entrevista conduzida por Hugo Pinto Santos, quando, aludindo à sua conhecida composição «Homossexualidade», diz que «Desde a minha primeira publicação que nunca abdiquei de que a base do que escrevia tinha a ver com a minha identidade sexual», *Público*, 26/10/2018: <<https://www.publico.pt/2018/10/26/culturaipsilon/noticia/magalhaes-1848390>>.

³ In António Botto, *As Canções de António Botto*, Lisboa, Edições Ática, 1975, p. 142.

Rui Magalhães

O VIAJANTE EXPOSTO À VERDADE DAS COISAS

Lisboa, Várias Vozes / 2021

O desenho da capa — uma pintura rupestre da África do Sul — remete para um antes do ponto de vista antropológico, e para um espaço que se abre numa floresta (também a do inconsciente), lugar encantatório e impiedoso. Como nos frescos de Lascaux, não se veem árvores, mas uma figura frágil, esguia, cuja força reside na deslocação, na fusão num todo cósmico, e no arco e flecha do caçador. O viajante deste livro, na sua «litanía doce» (141), ora é poeta, ora é filósofo: um ser humano na sua nudez¹.

A caça surge, em *O Viajante Exposto à Verdade das Coisas*, como um nó simbólico que nos coloca perante a temática da destruição da ignorância perseguida pela filosofia e diante de uma demanda poético-espiritual, a do ser interior em busca do centro. «O animal (o desconhecido de si) não sabe», porém, «que vai ser morto» e «aprendeu com os humanos a arte de se enganar» (13), ou melhor, de se iludir. O diálogo entre presa e caçador explicitado pelo poeta representa aqui uma forma de condenação, a do labirinto, no qual o ser humano se debate com as questões do desejo, da vontade e do poder (12).